

Boletim dos Associados do IPB



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)



laps

REGISTRA BOLETIM #5



Boletim dos Associados do IPB

laps

DESENHOS: Juliana Palhares



Arte da capa:

Juliana Palhares.

Gira - nomeiodoredemoinhoodiabo, 2026.

Nanquim e lápis de cor sobre papel,
21 x 29,7 cm. Acervo da Artista.

**BOLETIM DOS ASSOCIADOS
DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA
Laps – Maio 2026**

Av. Anita Garibaldi, 1211.

Ed. Central Pinheiro. Ondina.

CEP 40170.130. Salvador, Bahia.

+55 71 9391-0304 – contateipb@gmail.com

<http://www.institutopsicanalisebahia.com.br>

EDITORIA:

Liliane Sales

CONSULTOR:

Pablo Sauce

CONSELHO EDITORIAL:

Bernardino Horne

Carla Fernandes

Jordan Gurgel

Luiz Felipe Monteiro

Ethel Poll

Pablo Sauce

COMISSÃO DE REDAÇÃO E REVISÃO:

Graziela Pires

Jaine Porto Ferreira Novais

Júlia Jones

Leila Mignac

Liliane Sales

Maíra Valente

Raíssa Silveira

Raphael Gadelha

Wilker França

DESIGN GRÁFICO:

Kako Arancibia

laps

Boletim dos Associados do IPB

Editorial

A interpretação do ‘sonho’

Este boletim tem algo de especial, um êxito na nossa série, pois se trata do Laps Registra, nascido a partir da conferência “Por que ler Freud hoje? A atualidade da Interpretação dos sonhos”, de Gilson Iannini. A conferência foi ministrada por ocasião da abertura do curso regular do Instituto de Psicanálise da Bahia, franqueada ao público no auditório da Associação Baiana de Medicina.

Em um trabalho atento e delicado, três colegas da equipe da revista se dedicaram a transcrever essa rica conferência, resultando neste boletim. Aproveito a oportunidade para agradecer à Máira Valente, Júlia Jones e Jaine Porto.

Gilson traz novidades do seu novo livro A interpretação do sonho. Assim mesmo, dito no singular para marcar a singularidade do objeto estudado – o processo psíquico do sonho enquanto tal.

Para aquecer o debate, tivemos a presença de Marcela Antelo e a coordenação de Luiz Mena.

Destaque-se ainda a arte de Juliana Palhares, que desenvolveu ilustrações exclusivas para este boletim. Essas imagens causam magnetismo no ler e no olhar, pois fixa a delicadeza de quem representou o que tem de mais preciso na fala do Gilson, com sua “Gira” que abre este boletim, parecendo mais o nome dado ao inconsciente. Em seguida, o “Coração-mundo” para pulsar o desejo, a linha que puxa o “chão do sonho” e até mesmo a “tesoura do desejo”. Uma leitura de imagens como no sonho, que tem letra, movimento, forma, transforma e revela o desejo.

Um presente que não poderia ficar sem registro e que agora compartilhamos para a apreciação de todos vocês.

Liliane Sales
associada ao IPB-BA





Conferência inaugural

“POR QUE LER FREUD HOJE? A ATUALIDADE DE A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS”

CONVIDADO: Gilson Iannini (Analista em Belo Horizonte, membro da AMP/EBP, editor das Obras Incompletas de Sigmund Freud, autor de *Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre a homossexualidade*, *Freud no século XXI: o que é psicanálise?*, *Estilo e verdade em Jacques Lacan*, entre outros.)

COORDENADOR: Luiz Mena (EBP/AMP)

CONVERSAÇÃO: Marcela Antelo (AME EBP/AMP)

Transcrição e estabelecimento do texto:

Jaine Porto, Júlia Jones, Maíra Valente

Texto revisado pelo autor: Gilson Iannini

I. Sonho, no singular

Esse livro, *A interpretação do sonho*, não é atual porque, eventualmente, uma teoria das neurociências venha comprovar esta ou aquela hipótese ou tese; também não é atual porque possa ser compatível com alguma teoria linguística de redes mais contemporânea, a mais de ponta que possa existir. Não é por se adequar às teorias atuais – que estão surgindo o tempo todo – que ele é atual. Ao contrário. Freud estava, de certo modo, à espera. Eu gosto de pensá-lo assim: alguém que estava ali, à espera. Não é ele que se adapta. Somos nós que estamos chegando, talvez agora, ao tempo de começar a lê-lo.

Lacan foi um leitor de Freud extremamente inteligente, sagaz, mas, para ler Freud, ele precisou trazer uma série de teorias, como todos sabem – a linguística estrutural, a antropologia, a topologia –, que foram as condições de possibilidade para conseguir ver em Freud coisas que os leitores da época de Freud e os leitores entre Freud e Lacan não viam.

Gosto de trabalhar a hipótese de que temos hoje outras teorias também, que estão surgindo aí e nos permitem ver determinados ângulos, determinados cortes – é igual a quando a gente pega uma tomografia, não tem um corte assim, outro assim, longitudinal, sagital, outro corte assim? Lâminas. É como se vissemos o texto em lâminas diferentes. O texto está lá, é o mesmo, não mudou. Mudou – na verdade, mudou muito.

Nesse livro, então, vou falar um pouco disto: de por que “sonho” e não “sonhos”. Não é porque *A interpretação dos sonhos* esteja errado. Em alemão, as palavras compostas, o jeito como você as traduz – quando é obrigado a decompor em português –, linguisticamente admitem tanto o plural quanto o singular. Então, *A interpretação dos sonhos* não está errado, mas cada língua vai escolher e, conforme se traduz, de um jeito ou de outro. Algumas línguas parecem pedir o plural, como o inglês; outras parecem se inclinar naturalmente para o singular; enquanto outras admitem ambos, como o português.

Impossível não fazer um agradecimento especial ao amigo e colega Jésus Santiago, da EBP Minas, que foi o primeiro, há muitos anos – já estávamos na metade da tradução – que falou assim: “Gilson, você viu a última edição que acabou de sair, *L'interprétation du*

rêve, do sonho?”. Eu falei: “Uai, que esquisito!”. E aí pronto: trouxe o livro, e a equipe toda foi unânime e disse: “Nossa! É mesmo!”. E aí começamos a estudar.

As neuroses obsessivas fazem com que a gente sofra um tanto de coisa, mas têm também um tanto de ganhos – e esse livro é um exemplo. Eu fiquei seis meses para fazer o índice de sonhos, por exemplo. O índice de sonhos que tem aqui, em que consegui identificar cada sonhador, a idade, o gênero, de onde vinha cada sonho, um por um – isso é trabalho de obsessivo, não é?

E eu fiz um levantamento também das traduções nas principais línguas, e há uma tendência mais recente, nos últimos anos, bastante clara de adotar o singular. Claro que varia de país para país. O que eu queria dizer para vocês, neste primeiro momento, é que não se trata apenas de uma questão linguística: envolve uma série de elementos culturais e também uma decisão clínica e conceitual – que talvez seja o mais importante.

Nós não falamos de uma psicologia das percepções, de uma psicologia das emoções, nem de teoria das linguagens, não é assim. Falamos de afeto, falamos de percepção, de memória. Não de psicologia das memórias – isso, sim, em psicologia ou em neurociências. Em psicanálise, não falamos de inibições, sintomas e angústias, nem da lógica dos fantasmas. Vocês veem o estranho que daria? Aí tem uma confusão e, claro, teríamos que entrar em linguística, na diferença entre coletivo genérico e múltiplo, mas enfim, não vamos entrar nisso.

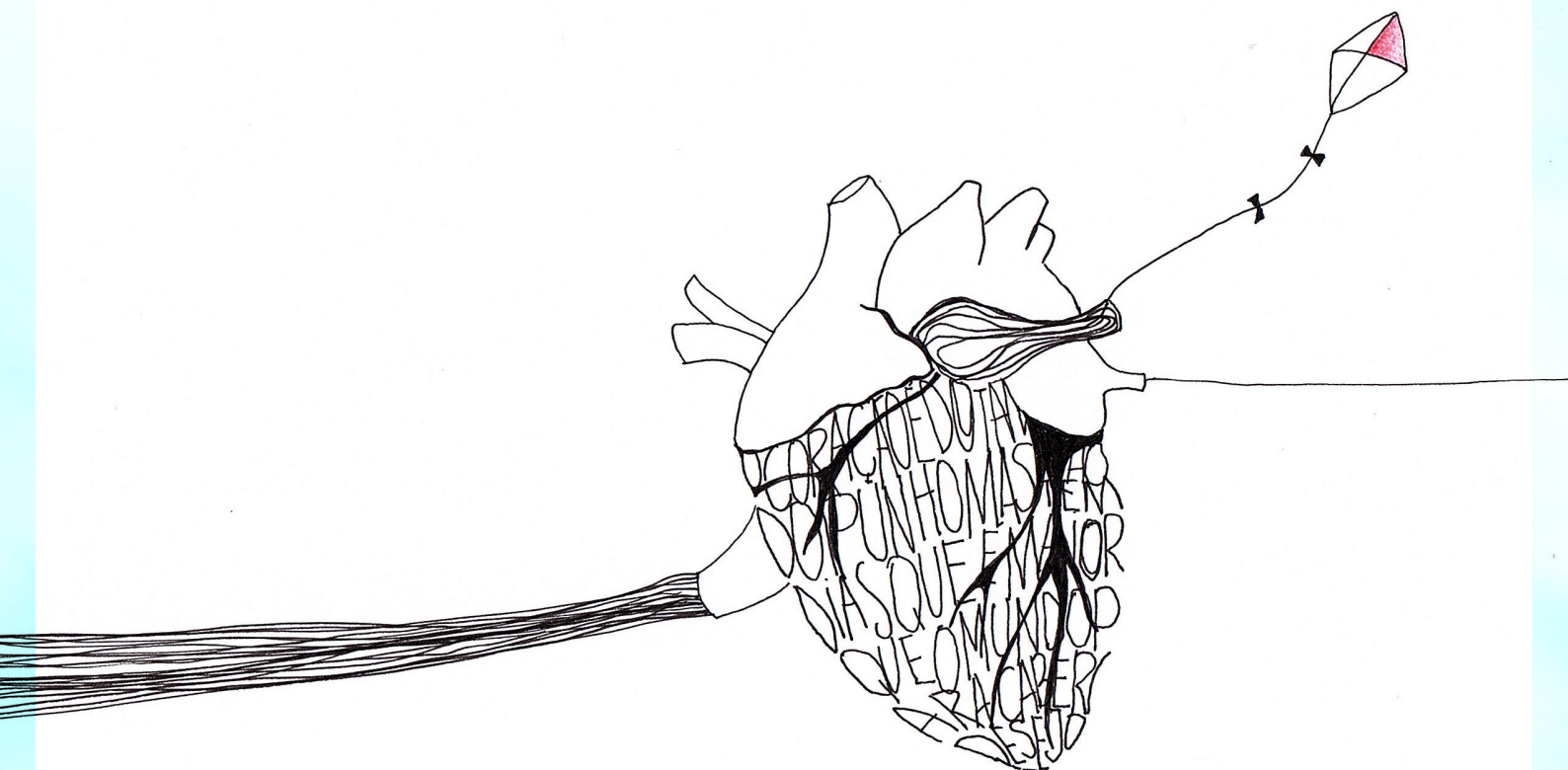
Nós nos acostumamos a falar *A interpretação dos sonhos*, mas, mais corretamente, isso traduz

“Nesse livro, então, vou falar um pouco disto: de por que “sonho” e não “sonhos”. Não é porque *A interpretação dos sonhos* esteja errado.”

melhor Freud em sua inatualidade, naquilo que diz respeito ao tipo de clínica que a gente gosta de fazer – ou seja, Freud não está descrevendo sonhos. Aqui, tem mesmo um acervo de sonhos, um acervo onírico impressionante: sonhos do próprio Freud, sonhos de pacientes, sonhos de personagens literários, míticos etc. E o índice, que o obsessivo editor mineiro fez, mostra exatamente quais são os sonhos de pacientes, os sonhos de amigos, os sonhos de crianças, tudo separadinho, fácil de achar. Quem quiser fazer um mestrado, um trabalho, é só olhar o índice lá – ele é único no mundo.

Em todos os grupos que têm mais a ver com o inglês, será sempre “sonhos”, no plural. Ficaria muito estranho, no próprio inglês, “The interpretation of the dream”. Isso soa

esquisito, soa estranho, então vai ser sempre “sonhos”. E grande parte do fato de muitas línguas terem escolhido o plural tem a ver com a importância que a edição em inglês teve. Então, foi meio por essa via que muitas línguas não questionaram isso. Mas, se pegarmos as línguas nórdicas – sueca, dinamarquesa etc. –, as traduções são bem parecidas. Se pegarmos o grego, é no singular. O hebraico, é no singular. Em árabe, tem uma questão superinteressante: os países árabes – aqueles que estão agora vendo mísseis voando pra tudo quanto é lado – optam pelo singular; já os países árabes do norte da África optam, em geral, pelo plural. Ou seja, tem uma série de questões. Italiano, espanhol: no plural. E assim vai. Como se o problema fosse a palavra “sonho”.



▲ Juliana Palhares. CORAÇÃO-MUNDOparapulsarodesejo, 2026. Nanquim e lápis de cor sobre papel, 16 x 29,7 cm. Acervo da Artista.

“ Mas, enfim, o ponto aqui é que Freud não está apenas fazendo um acervo onírico, um acervo de sonhos, mas está estudando o objeto em sua singularidade, mas também em sua generalidade: o processo psíquico do sonho enquanto tal.”

Mas, enfim, o ponto aqui é que Freud não está apenas fazendo um acervo onírico, um acervo de sonhos, mas está estudando o objeto em sua singularidade, mas também em sua generalidade: o processo psíquico do sonho enquanto tal. Então, o sonho enquanto tal é assim, assim, assado, tem esses e aqueles mecanismos, segue estas e aquelas leis. É isso o que Freud está trabalhando e, ao mesmo tempo, a singularidade de cada sonho em cada análise de um sonhador, aqui e agora. Esse que é o ponto-chave.

Tem o outro lado. Por que traduzimos *Deutung* por “interpretação”? Também não é nada óbvio. É mais difícil ainda. Eu não vou me alongar nisso, a gente ficaria horas discutindo isso aqui, mas é muito interessante quando você compara com outras línguas. Você pega o japonês, o chinês, o coreano: eles usam termos que traduzem o *Deutung* – que traduzimos por “interpretação” – por uma espécie de análise lógica do sonho, análise racional do sonho. No hebraico ou no árabe, o que fica em primeiro plano é o aspecto exegético: são culturas de exegese do texto. É esse aspecto de um trabalho de gênese de sentido que vai vigorar nessas culturas. Nas línguas nórdicas, é mais fácil traduzir o *Deutung*.

Agora, se pegarmos a primeira língua que traduziu o livro de Freud para qualquer outra língua, foi o francês, logo no início: *La science des rêves*. Inclusive, se vocês pegam alguns textos de Lacan, os primeiros textos dele, ele cita essa edição como “A ciência dos sonhos”.

Para vocês terem uma ideia de que não é nada fácil pegar um termo desse: se fizermos o caminho inverso, quem sabe bem alemão aqui, se traduzirmos a palavra “interpretação” para o alemão, vamos ter umas dez palavras que se traduzem bem, em alemão, por “interpretação”: *Deutung, Auslegung, Interpretation, Erklärung*. Então, interpretação de texto é uma coisa, interpretação musical é outra, interpretação que um ator faz é outra, interpretação jurídica é outra. É uma palavra, em alemão, para cada uma dessas, e a gente chama isso tudo de “interpretação”. Interpretação é uma palavra, em português, polissêmica até não poder mais – e isso fica mais claro quando você contrasta com outras línguas. O caso alemão é o mais óbvio, porque tem, assim, pelo menos uns dez ou mais termos que traduzem perfeitamente “interpretação”, conforme o uso, conforme o contexto, conforme o campo semântico etc. Só para vocês terem uma ideia da complexidade disso. Então, a primeira coisa que eu estou tentando dizer é que traduzir de um determinado jeito é uma escolha, é uma decisão que envolve uma teoria, envolve uma aposta clínica – não é apenas uma questão de linguística, de adequação, de mais certo ou de errado. Não é isso.

Mas o que é esse livro? O que é que ele mostra? E o que eu acho que precisamos ter muito em mente é que é um livro difícil de apresentar. Imagina: estou apresentando *A interpretação do sonho* de Freud. Que audácia! É um livro que dispensa apresentações. Tem cento e vinte anos que está aí. E é um livro que é uma espécie de convidado que irrompe no salão – todo mundo sabe quem é. Não precisa de apresentação. Mesmo assim, ele cumprimenta as pessoas, é muito simpático, agradável.

O que faz esse livro ser tão importante? Por que Freud é Freud? Eu não sei se todos vocês têm em mente que esse livro tem sete capítulos. Seis são sobre o sonho, os seis primeiros. Até aí, muita gente poderia ter feito esse livro, gente que estuda o sonho. Só que, do capítulo seis para o sete, tem um salto, tem um pulo, é um hiato que Freud atravessa – e é isso que faz com que seja Freud – porque aí ele passa do sonho ao inconsciente. Ou, mais claramente, passa da análise de um fenômeno localizado do psiquismo, que é o sonho, a uma teoria geral da mente ou do aparelho psíquico. Ou seja, do sonho ao sujeito. Então, ele está procurando o sonho e encontra o sujeito. É um salto muito grande, não é qualquer um que dá esse salto.

E é muito interessante, se a gente pegar uma história: a nota do editor mineiro. Foi a primeira vez que eu tive a coragem, depois de já termos feito acho que uns quinze livros das Obras Incompletas, e a nota do editor – quem está acostumado com a Edição Standard tem lá sempre assim: “nota do editor inglês”, que vem antes do texto. Nas Obras Incompletas, é sempre após o texto, em letras menores, dada a importância – pela primeira vez, eu tive a coragem de dar o título de “nota do editor mineiro”, em vez de “inglês”, dessa vez. E fiz uma história de todo o processo de escrita do texto. É muito interessante: é uma escrita que, em alguns momentos, chega a ser coletiva. Freud editou esse livro, reeditou, reescreveu diversas vezes, até 1930, quando sai a última edição em que fez as suas alterações.

Para vocês terem uma ideia, se você pega a primeira edição com a edição que a gente conhece, tem mais ou menos um terço de livro a menos. Vamos dizer, se fosse um livro de 900

páginas, 600 seriam a primeira edição e 300 foram acrescentadas ao longo do tempo. Ou seja, Freud escreveu, reescreveu e aceitou contribuições, por exemplo, de Stekel, de Rank¹, no interior do texto, especialmente no capítulo seis, e por mais ou menos uns quinze anos.

Esse livro é algo que hoje, talvez, não tenhamos assim tanta clareza, porque achamos que as Obras Completas vieram juntas. A gente é levado a crer que Freud escreveu tudo de uma vez e veio tudo pronto – e, obviamente, não é assim. Não havia artigos sobre técnica. Então, o que era o manual de técnica que a comunidade psicanalítica usava nos primeiros

quinze, vinte anos? Foi isso aqui. Não tinham os artigos de metapsicologia que diziam: “o inconsciente é isso, o recalçamento é aquilo”, que explicavam “as pulsões são isso”. Não tinha. O que é que tinha? Tinha isso aqui. Então, esse livro era uma espécie de manual teórico e prático.

Era o manual clínico de como se interpreta – e não apenas como se interpreta sonho, mas como se faz interpretação analítica em geral. Então, esse livro aqui foi uma espécie de manual técnico para toda uma comunidade de trabalho que foi se constituindo em torno de Freud. E as várias reescritas que Freud vai fazendo reverberam a recepção que essas ideias têm entre os analistas, entre os pacientes – era uma zona, uma bagunça, imaginem todo mundo muito próximo, aquela confusão toda.

Vocês sabem qual foi uma das primeiras resenhas? Freud esperava que o livro fosse super bem recebido – e não foi. Esse é um *worst seller*. Para vocês terem uma ideia, a primeira edição, de apenas 600 exemplares, demorou dez anos para esgotar. Dez anos para 600 exemplares. Ou seja, *worst seller*. Depois de

“Então, o que era o manual de técnica que a comunidade psicanalítica usava nos primeiros quinze, vinte anos?”

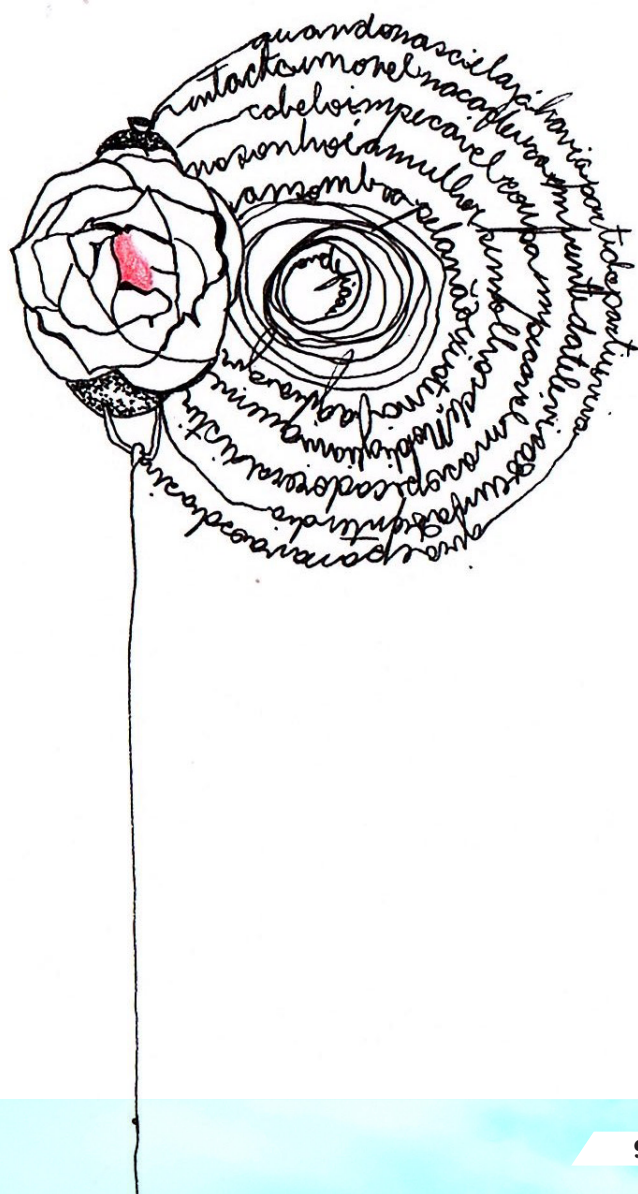
¹Refere-se a Wilhelm Stekel e Otto Rank.

dez anos, a coisa virou – virou a história que a gente conhece. Mas ele esperava resenhas, e a recepção foi meio morna. Teve algumas críticas etc., e uma das resenhas mais interessantes que saiu no ano da publicação – vocês não sabem de quem é? – é de Emma Eckstein. Esse nome lembra alguém? A paciente Emma da parte II de *O projeto*. A mesma Emma que aparece em parte no sonho de Irma. Ela própria, depois muito ativa nos círculos feministas da época, escreve sem colocar “Emma” – que era o nome dela mesmo –, assina apenas Eckstein e faz um texto superinteressante, que tem elogios importantes. Ela não diz: “Ah, eu sou a paciente de quem ele está contando o sonho”. É claro que ela não dá essa bandeira. Como vivíamos em uma sociedade extremamente patriarcal, todo mundo achava que esse texto era do irmão dela, F. Eckstein – não lembro mais qual era o primeiro nome dele –, mas faz mais ou menos uns dez anos que trabalhos de arquivo, de gente obsessiva, foram descobrindo isso. Aí você vai lá e descobre a letra, o texto escrito, essa coisa toda. O texto foi escrito pela Emma Eckstein. E é um texto que contém, ao mesmo tempo, elogios muito interessantes e já uma parte das críticas mais importantes, que vão ser sempre levantadas. Já está lá, nesse texto de 1900, onde ela pergunta: “Mas como é que Freud acha que isso vale então para todo mundo?”, “De onde ele tira a validade geral disso?”.

Estou tentando dizer que há uma parte da história de constituição do texto que não conhecemos muito bem. A quarta edição de *A interpretação do sonho*, na capa, tinha escrito assim, um pouco abaixo: “com colaborações em coautoria de Otto Rank”, porque Otto Rank ficou muito próximo de Freud, em uma determinada época, e Freud incorporou trechos enormes. Imaginem fazer isso, quando não tinha o Word? Imagina imprimir isso? Alguém chegava lá com o tipógrafo, colocando letra por letra: “Ó, estou acrescentando essa frase

aqui”. Imagina isso naquela época? E depois Freud tira, na quinta edição – porque eles brigam –, todas as contribuições que Otto Rank tinha feito são retiradas. Só que sabemos muito bem que, quando você imprime algo e, vamos dizer assim, reprime, fica resto. Nós, que estamos aqui, sabemos muito bem disso. Então, ao longo do texto há restos das contribuições de vários autores. Há especialmente acréscimos, sobretudo no capítulo seis.

▼ Juliana Palhares.
A mulher sem olhos, 2026.
 Nanquim e lápis de cor
 sobre papel, 21 x 29,7 cm.
 Acervo da Artista.



Por que eu estava falando isso? Vocês lembram que eu tinha falado assim: Freud dá um salto enorme do seis para o sete? Ou seja, ele vinha estudando o sonho e, de repente, está fazendo uma teoria do aparelho psíquico, uma teoria do inconsciente, uma teoria do sujeito. O que é o sujeito? Se o sonho é assim, isso aqui é o sujeito. É um salto importantíssimo. Esse capítulo sete saiu pronto, ou quase pronto. Foi um dos que Freud menos mexeu. Os dois capítulos em que ele menos mexe, entre as várias reescritas, reelaborações – frases que ele tira, corta, edita, esse “corta e cola” do próprio Freud – foram os capítulos dois e sete. Capítulo dois tem o quê, vocês se lembram? O sonho da injeção de Irma, que é o capítulo mais importante.

Assim, Freud queria iniciar o livro com o capítulo que conhecemos como capítulo dois. Ele queria que o livro começasse logo de cara, na primeira página, com a narrativa do sonho de Irma. Ou seja, queria começar com o sonho-modelo. E aquilo é o exemplar, a amostra, o paradigma do quê? De um sonho a partir do qual ele vai propor um método para ler o sonho – e o resto é a história que todos conhecem.

Só que aí, nas conversas com Fliess, ainda em 1897 – aí eu estou corrigindo uma informação que James Strachey apresenta de forma equivocada –, o Strachey e outras pessoas espalharam a ideia de que Freud, no projeto inicial dele, não tinha o capítulo um, que ele iniciaria no dois e que foi por pressão do editor que ele fez o capítulo um. Isso é uma mentira bem contada que todo mundo acredita. Ou pelo menos é um equívoco editorial que foi amplamente aceito. Eu mesmo repeti isso muitas vezes na vida. Freud realmente não queria escrever o um. A gente acreditou por muito tempo que foi por imposição do editor que ele escreveu aquelas cerca de cem páginas – extremamente bem feitas, inclusive, um trabalho de revisão bibliográfica do que havia sobre o sonho até então. Mas isso, ao menos

“ A lenda de Édipo aparece desde o início, mas a expressão ‘Complexo de Édipo’ e aquela explicação aparecem mais tarde.”

em parte, é falso. É certo que Freud não queria fazer, mas ele mesmo diz algo assim: “É um trabalho muito penoso, muito chato, mas eu tenho que fazer”. E fez o um.

Minha dica para quem vai ler esse livro é: comece do capítulo dois, pule o um, comece do dois – que é onde tem o sonho da injeção de Irma –, vá até o final e depois leia o um. Que é mais ou menos a ordem da escrita. Freud foi escrevendo tudo mais ou menos ao mesmo tempo.

Essas são as coisas que eu tenho a dizer da parte inicial. Eu gosto de destacar muito esse salto, essa inflexão, esse salto de escala que Freud dá do capítulo seis ao sete – ou seja, ele está passando do sonho ao sujeito. E tem uma série de coisas que nós achamos que sabemos sobre esse livro. Por exemplo, nós achamos que o complexo de Édipo já estava lá. Não. O complexo de Édipo só aparece na quarta edição. A lenda de Édipo aparece desde o início, mas a expressão “Complexo de Édipo” e aquela explicação aparecem mais tarde.

Agora vamos lá. Ah, tem um reconhecimento que precisa ser feito. Uma pessoa que percebeu que o jeito mais correto de traduzir *Die Traumdeutung* para o português como *A interpretação do sonho*, no singular, foi Luiz Alfredo Garcia-Roza, em 1993. No livro dele sobre Freud, ele já propõe isso, e tem lá duas páginas dele. Eu descobri isso depois: ele vai falar com toda clareza que o uso do singular

chá de sonho

não tem a ver com a variedade empírica de sonhos, mas com a estrutura formal, como uma formação do inconsciente. O sonho é uma formação do inconsciente. Não é: “os sonhos são uma formação do inconsciente”. Fica estranho, percebem? É o sonho.

Bom, aí eu vou passar para a parte que eu gosto mais. Eu tenho tempo ainda? Como está aí? Tenho um tempinho? Vamos lá.

Desde a década de 1950, começamos a estudar o sono, a identificar suas fases e o sono REM. E nós associamos muito os sonhos ao sono REM. Vivemos, durante algumas décadas, uma espécie do que hoje se chama de REM-centrismo: a ideia de que o sonho, em geral, é aquilo que acontece na fase REM. Com as discussões mais recentes, com os estudos em neurociências e em estudos funcionais por imagem, com uma espécie de mapeamento, com grande grau de precisão, de padrões dinâmicos de atividade onírica em diferentes estados do ciclo do sono, já se sabe um tanto de coisa. Por exemplo, se você acorda uma pessoa em uma determinada fase e está fazendo o monitoramento, há como prever se ela vai se lembrar do sonho ou não; se vai contar o sonho ou não; se vai ser um sonho com narrativa complexa ou sem narrativa. Há uma série de coisas que se consegue fazer experimentalmente, e são coisas superinteressantes.

Claro que, na época de Freud, não havia essa teoria, então não temos esse tipo de correlação entre fases do sono e tipos de sonho. Mas hoje podemos fazer isso, e é superinteressante. Por quê? Os sonhos do tipo REM têm características muito próprias: são narrativos, bizarros, complexos – vívidos, mais longos,

mais intensos. Aí os neurocientistas dizem: “ah, porque há ativação dos circuitos dopaminérgicos”, coisas assim. Falam dos correlatos neurais que permitem descrever esses processos, e isso é superinteressante. Ou seja, eles estão quase entendendo Freud, não é? O sonho da injeção de Irma tem todas essas características, vamos dizer assim, topológicas do sonho REM, porque hoje em dia você consegue fazer análises puramente formais do texto do sonho, que preveem, que conseguem descrever o tipo de associação, o tipo de rede implícita em cada sonho. Não sei se vocês têm esses sonhos em mente, os sonhos que Freud narra nesse livro. Vocês devem se lembrar: *Autodidasker*, *Monografia de botânica*, *Pai, não vê que estou queimando?*.

Então, um exemplo: *autodidasker*. São sonhos que a gente usa em sala de aula, como exemplo, quando está explicando. *Autodidasker* é um sonho que quase não tem imagem, predominantemente linguístico, é um resto de palavra. Isso indica, bastante provavelmente, que é um sonho não-REM, porque é mais verbal, menos imagético. Não tem uma estrutura narrativa, não envolve intensidade ou afeto. É outra coisa.

Hoje em dia conseguimos descrever a arquitetura formal dos sonhos. Fico imaginando o que Lacan ia fazer hoje se conhecesse o que se faz em linguística, o que se faz em IA. Tenho um grupo de IA, que eu coordeno na UFMG há um tempo – linguística cognitiva, linguística de redes –, que tem engenheiros elétricos, teve neurocientista junto, tem um pessoal de computação e uns psicanalistas coordenando, porque precisa de gente para orquestrar essa galera, senão não dá bom. E eles têm umas

teorias tão legais, tão interessantes, segundo as quais Freud trabalhou com uma linguística nada trivial e absolutamente convergente com o que se trabalha hoje, com o que chamamos de arquitetura de redes.

Eu vou explicar isso em poucas palavras. O que Lacan encontrou em Freud? Encontrou, por exemplo, entre outras coisas, a metáfora e a metonímia. Então, são dois eixos. Você pensa a língua em dois eixos: o eixo sintagmático e o eixo paradigmático. Hoje em dia, não se trabalha mais exatamente com esse tipo de concepção, que, na verdade, é bidimensional. Se pensarmos que a linguagem é uma rede, parece mais, digamos, um cogumelo. Olhem as metáforas de Freud para falar do sonho: ele diz algo como “um cogumelo que nasce do seu micélio”. Ou seja, há uma estrutura reticular – parece muito mais com redes e árvores de múltiplos planos, com aluviões ou nuvens, do que com uma estrutura de apenas dois eixos.

Por exemplo, quando trabalhamos lá com o pessoal da IA, como é que pensamos? Pensamos que uma palavra é um ponto no espaço, um vetor; e estudamos as conectividades, os padrões de conectividade etc. que as palavras têm, o espaçamento entre elas, essas coisas. São coisas meio técnicas, eu não vou encher o saco de vocês com isso – embora sejam deliciosas. Para simplificar, podemos pensar esse espaço em três dimensões, ou quatro, ou cinco, ou infinitas. Nos trabalhos que fazemos lá, a gente estipulou trezentas dimensões. Isso mesmo. Não tem como imaginar. Mas tem como calcular. Essa é a beleza da matemática.

Imaginem um espaço de trezentas dimensões. Não cabe na imaginação. Mas imaginem que há uma palavra aqui: “casa”. Se pensarmos em um eixo, vão estar “casa”, “apartamento”, “prédio”. Para o outro lado, “rua”, “bairro”, não sei o quê. Se pegarmos outro eixo, “proprietário”, “morador” etc. Em outro, “família”, “casamento”, e assim por diante. Então, estão

vendo? Se eu tenho um eixo assim, outro assim, outro assim, tenho eixos os mais diversos cruzando o espaço multidimensional.

Não precisamos mais pensar como pensávamos com a linguística estrutural, em apenas dois eixos. Temos hoje teorias que permitem pensar a linguagem em múltiplos eixos. E o que eu estou propondo aqui é que Freud já operava, ainda que de forma não formalizada, com algo dessa ordem. Porque, quando pegamos a análise que ele faz – não estou falando da teoria, estou falando da análise que ele faz do sonho da injeção de Irma, da monografia de Botânica –, não é apenas metáfora e metonímia. É muito mais complexo do que isso e, em certo sentido, mais contemporâneo, porque envolve essa estrutura de redes. E aqui estou usando a palavra “rede” de maneira deliberada.

Sabe qual é o sinônimo de teoria de rede? Teoria dos grafos. Grafo e rede são a mesma coisa, ou quase a mesma: o grafo é a formalização matemática; “rede” é o uso mais amplo, mais descritivo. Lacan fez um grafo, o grafo do desejo; a gente fez um que tem três, quatro etapas, como for. Hoje conseguimos fazer um grafo para cada sonho. Cada sonho tem o seu grafo específico, e você consegue analisar a arquitetura formal dele. É um negócio bonito, que vocês não têm ideia. Eu estou trabalhando nisso com um grupo e estamos produzindo esses grafos. Ainda não tenho imagens – é difícil produzir imagens, porque elas vão estar sempre em três dimensões, no máximo –, então você vetoriza e faz cálculos. A parte de cálculo é sensacional. E o fato de Freud encontrar, no sonho da injeção de Irma – que é um sonho-modelo –, uma fórmula química da trimetilamina que condensa, ou seja, que se inscreve graficamente no espaço onírico, destacada, é algo que hoje chamaríamos de uma imagem lexical de alta saliência. Ou seja, as palavras têm peso. Cada palavra tem um peso em um contexto específico, numa determinada frase

◀ Juliana Palhares.
Encruzilhada: atesouradodesejo,
2026. Nanquim e lápis de
cor sobre papel, 21 x 29,7 cm.
Acervo da Artista.



dita por alguém, e vai ter outro peso em outra frase, dita por outra pessoa, em outro contexto. E você consegue fazer esses cálculos.

No plano do trabalho do sonho, Freud, por exemplo, ao trabalhar com essa cifra de gozo (*Lösung, Auflösung*) no sonho da injeção de Irma – e isso ao longo do livro inteiro, não só no capítulo dois; no capítulo dois ele apresenta uma primeira análise, mas ela retorna em todos os outros capítulos –, é como se estivesse dizendo: “Ó, aqui encontramos uma chave do inconsciente”. No trabalho do sonho, essa cifra opera como uma espécie de estabilizador de sentido, um nó de condensação e um operador de satisfação, que equivale – ou tem a ver –, no plano neurofuncional, com uma coativação de redes semânticas, léxicas, imagéticas, afetivas, com atribuição de saliência – ou seja, quando uma palavra tem mais peso do que outra.

Sonhos REM costumam apresentar hiperassociatividade. Uma palavra, por exemplo:

“botânica”. Se pegarmos o sonho da monografia de botânica, vai aparecer *Gärtner*, que lembra não sei quem. Quando lemos Freud, o certo é estranhar. Você pega e pensa: “Que viagem!”, não é? O certo é justamente acompanhar aquele conjunto de associações que ele faz ali e dizer: “Esse cara foi longe!”. Como é que isso – a monografia, o que ele viu, não sei o quê – leva ao nome de *Gärtner*, que é a mulher do fulano, que lembra... flora? Vai extrapolando, fazendo aquelas associações todas. Parece como se ele estivesse fazendo uma viagem. Só que hoje a gente consegue formalizar isso – o que mostra não que ele não tinha formalizado, mas que talvez tivesse intuído de uma certa maneira, ou que operasse com uma teoria linguística reticular não trivial, subjacente à teoria dos sonhos e, portanto, à teoria do inconsciente que aparece ali.

Quando pegamos, então, esses sonhos mais conhecidos – “Pai, não vês que estou queiman-

do?” –, que inaugura o capítulo sete, vocês todos lembram disso. Tem um livro lindo que desenvolve muito essa parte, da nossa colega Carolina Koretzky, que se chama *O despertar*. Um superlivro, recomendo muito. Às vezes, tendemos a achar que o que acorda o pai é o clarão. Não. No clarão que vem do quarto ao lado, ele continua dormindo. O que o faz acordar é o filho dizendo essa frase, que, se você for olhar na letra do texto, é um sussurro. O filho sussurra: “Pai, você não está vendo que eu estou queimando?”. É um sussurro, uma frase dita assim. Isso é o núcleo de real – insuportável para esse pai. Ou seja, estamos falando de uma borda instável entre um sonho REM terminal e a vigília. É aquele sonho que você tem de manhã, naquela última hora de sono: você tem esse tipo de sonho, acorda, volta a dormir...

Bom, eu não sei como estamos de tempo, mas o ponto-chave que eu estou – gente, eu trouxe vinte páginas e estou

na três, quatro aqui – propondo é que, quando formos ler Freud, nos deixemos ver isso que ele está tentando ver ali: cadeias associativas que se bifurcam; condensações que fazem convergir múltiplos traços em um signo único; deslocamentos que desviam um sentido de um elemento para outro; a montagem, ou figurabilidade – que algumas traduções chamam de representabilidade –, isto é, a capacidade de transformar em cena aquilo que está figurado no sonho, formando uma espécie de malha. Ou seja, o que eu estou propondo é que o sonho não se organiza como uma narrativa, mas como um campo de forças associativas, no qual vetores de desejo, restos de lembrança, censura etc. se entrelaçam em uma rede altamente dinâmica.

Então, a interpretação do sonho é também uma antecipação de uma epistemologia de re-

des, uma espécie de topologia psíquica operando antes de qualquer formalização matemática, mas já inscrita na própria lógica do inconsciente. A estrutura do inconsciente não é uma arquitetura linear, nem mesmo bidimensional, mas uma rede emaranhada de múltiplos níveis.

Quando trabalhamos o texto assim – vocês podem imaginar que foram algumas horas aqui de desejo, de libido –, e nos deixamos tocar por ele, vemos esse funcionamento. Freud transmite isso no próprio estilo de escrita, que dá essa impressão de associações mais ou menos arbitrárias. Mas é isso que o inconsciente é. A aposta é justamente encontrar a lógica que subjaz a essa rede emaranhada, porque, na verdade – e aqui eu entraria com uma última ideia –, essas propriedades não estão em cada elemento isolado: elas emergem. Há aí uma perspectiva

emergentista muito clara. Explicando de maneira simples: você vê uma revoada de pássaros – cada um não tem um pa-

papel fixo, não há um plano: “eu vou aqui, depois você vai ali...” –, eles se auto-organizam ao longo do tempo, e a forma emerge da própria interação. Não está em cada um o papel de cada um deles, mas a estrutura emerge da interação complexa entre eles no tempo. O inconsciente funciona mais ou menos assim. Ou seja, formações complexas emergem de uma dinâmica interdependente entre níveis de organização, que estruturam tanto cadeias associativas quanto seus furos, ao mesmo tempo que variações contingentes se produzem localmente.

Para concluir, chegamos a um ponto, então, em que essa rede se interrompe e se transforma em um emaranhado de nós – são expressões do próprio Freud. Então, a ideia de emaranhado – ou, se quisermos forçar um pouco, de emaranhamento –, que a física quântica vai explorar mais ou menos na mesma época,

“Pai, você não está vendo que eu estou queimando?”

diga-se de passagem (abrindo um parêntese: não que Freud conhecesse isso, nem os físicos o conhecessem; Freud não teoriza o emaranhamento, mas descreve fenômenos de *Verschrankung*, de entrelaçamento, que hoje podemos reler em uma chave mais formal), vários nós que se entrelaçam e que, de repente, desembocam no que Freud vai chamar de “umbigo”: o umbigo do sonho. É isso que confere a singularidade ao sonho.

II. Conversação

Marcela Antelo: Bom. Delícia. Eu li em algum lugar, não me lembro onde você escreveu isso, mas você disse: “Freud é um manancial”. E agora você falando, fiquei me perguntando se é um manancial para o obsessivo ou se é... Me lembrei que certa feita fizemos uma jornada sobre sonhos. Não sei quem lembra quando, mas faz mil anos. Convidamos José Miguel Wisnik. Se lembram? Iordan, lembra? E lembro que tive a sorte de estar na mesa com ele e eu disse, nesse dia, que pensava que o saber sobre o sonho era como se Freud tivesse roubado o fogo, Prometeu roubando o fogo dos deuses. Como se Freud tivesse roubado dos gregos um saber e anexado, digamos, tirado da magia e da superstição e trazido esse saber para um outro campo. Como se tivesse deixado os gregos sem esse saber do sonho que conduzia a vida de todo mundo. Porque se Alexandre, o Grande, sonhasse na noite anterior que ia perder uma batalha, não saía para a batalha, não jogava bomba no Irã, se tivesse sonhado que não deveria fazê-lo. Então, era um saber que conduzia a vida dos homens. Quando Freud chega, pega a tocha e ilumina as penumbras, digamos, a escuridão, como você diz, faz um verdadeiro sequestro para anexá-lo ao campo analítico, não? Então, não o penso tão tranquilo, como você o pensa: um manancial e mais um dote que Freud pas-

sa esse fogo para gente. Lacan diz, acho que em “Radiofonia”, que o saber é sempre dote. Então, é como um dote que recebemos, e a questão é saber se estamos à altura, não? O que fazemos disso? Isto tocando o inatual que você fala. Não reclamando uma atualidade, mas sim um saber que determina a vida dos homens por outras razões completamente diferentes das que Artemidoro pensava.

Esse capítulo um tem um pouco isso, não? Essa história de como o saber do sonho determinava. E hoje também, o pesadelo determina a vida de muitos escritores e de muitos analistas e de muitos de nós. Romildo, me parece, que se dedicou a escrever sobre o pesadelo, traz isto: o peso de um pesadelo na vida de alguém. Estou me lembrando de Célio Garcia, que se

“ Quando Freud chega, pega a tocha e ilumina as penumbras, digamos, a escuridão, como você diz, faz um verdadeiro sequestro para anexá-lo ao campo analítico, não?”

dedicou a estudar a figurabilidade de um jeito bem interessante. Entre nós, tem um baiano também que usou o sonho e misturou com o cinema e escreveu um livro que se chama *Cinema: sonho ou lucidez?*. E sonho no singular, não no plural, certo? Que acho que também é interessante. Então, se o sonho dizia o ser e dizia o acontecimento naquela época, qual é o destino do sonho hoje em relação ao saber? Essa seria uma das perguntas que eu gostaria de te fazer.

E tenho uma outra. Você recolhe uma pérola, outra das suas, em Serge Cottet, e afirma em algum lugar uma relação entre o sonho e o inconsciente sem profundidade. Como agora você falava de rede, de multifacetadas, o que

poderia dizer da relação entre o sonho e o profundo? Isso eu acho que é interessante, porque Cottet nesse momento parece que fala que o inconsciente é uma zona de sombra, de opacidade. Contrariamente a pensá-lo assim, uma sombra, um lugar opaco, um lugar onde o sujeito se esconde, certa concepção mais romântica do inconsciente. O que seria um inconsciente de superfície, senão um inconsciente de redes? Estou pensando agora: Signorelli e “O esquecimento de nomes próprios” são uma rede e as séries complementares das conferências introdutórias, outra rede, não? Tudo isto me foi provocado agora porque não li o teu estabelecimento. Então, é isso que está me provocando.

Gilson Iannini: Esse exemplo é ótimo, né, Marcela? Agradeço muito. A análise do Signorelli ou do “familiar”, que todos vocês conhecem. Então, olha como a gente deve estranhar quando pega lá o “familiar”. Freud mesmo escreve a palavra assim, e metade de uma palavra entra dentro da outra. Você fala: “Gente, que maluquice!”. Como uma palavra se deixa fazer assim? É como se fosse um trem: um vagão arreda para cá, outro arreda para lá, entra um outro que vem de outra linha, junta a palavra, se conectam lá e seguem. Como isso?

Ele só consegue fazer isso porque há essa linguística não trivial pressuposta – e só faz essa análise porque já fez a análise da monografia de Botânica, que é a mesma. Se você, *a posteriori*, partir de Signorelli ou do “familiar” e ler a monografia de Botânica, vai ver o mesmo princípio explicativo, o mesmo modelo, que é topológico.

Por isso, eu acho que, se Lacan estivesse vivo hoje, com essas coisas que existem, ele estaria encantado, alegre, usando isso até não poder mais – e não temos a mínima ideia do que produziria com isso. Então, o que eu estou fazendo aqui é um pouco um convite. A gente não precisa ficar lendo só Jakobson, não.

A linguística não parou em Jakobson. A coisa andou. A fila anda, né?

Marcela Antelo: Tem uma máquina, que chama El Lissitzky, que trabalha com sonhos, que usa o nome do... Não tem? Eu me lembro de vinte anos atrás, tinha uns malucos no MIT que botaram El Lissitzky em uma máquina que ia tentar graficar e figurar os sonhos. Eu vou atrás disso. E sobre profundidade e superfície?

Gilson Iannini: Ah, claro. Eu acho que uma coisa em que Lacan insistiu muito é que, em psicanálise, a teoria do inconsciente não é uma psicologia das profundezas. Porque ele tem um alvo muito claro: não está falando de profundidade em geral, mas de uma certa psicologia das profundezas, que supõe algo opaco, escondido. Uma “coisa mais profunda” – e essas metáforas, como a do *iceberg*, mais escondem do que mostram, mais nos confundem do que esclarecem o que está em jogo, não é?

Então, esse tipo de rede que a gente está trabalhando aqui não pressupõe profundidade. Ao contrário: pressupõe a copresença de superfícies – vocês percebem? É outra lógica. Como se fossem superfícies que se cortam, que se cruzam, como lascas, alguma coisa assim.

Marcela Antelo: É *lalangue*.

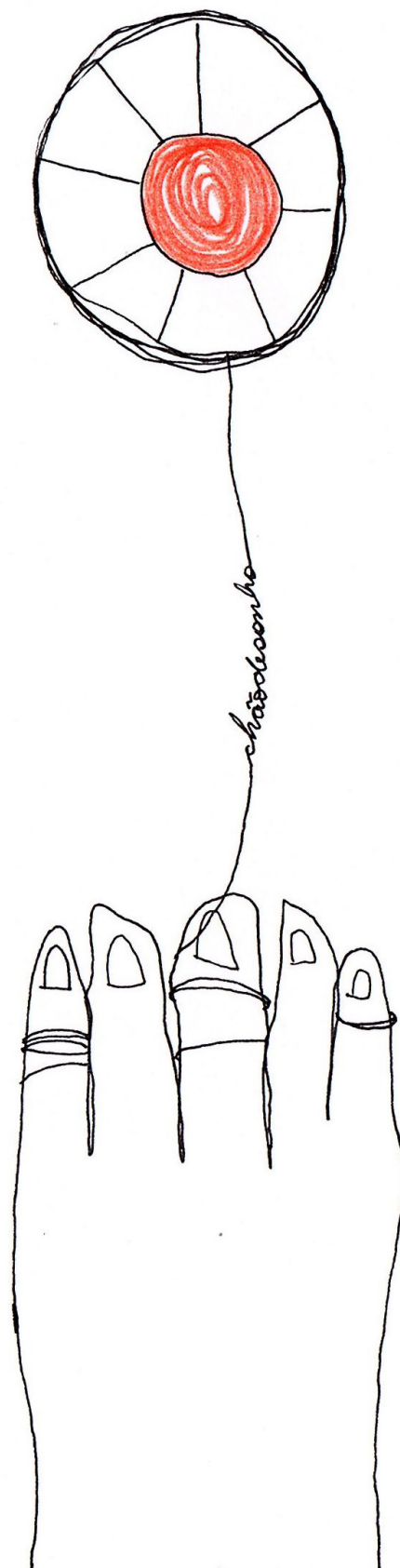
Gilson Iannini: Exatamente, é *lalangue* falando isso, lacanianamente. A teoria linguística de Freud não é estruturalista; é mais próxima do Lacan do Seminário 20 em diante – é *lalangue*. As metáforas que Lacan trabalha lá nos últimos textos – “Ah, estou passando aqui de avião, na Sibéria, vendo lá as superfícies, os ravinamentos” – são isso: propriedades emergentes que surgem no gelo, vão se bifurcando, se entrecruzando etc. Aquilo vai acontecendo, bem aos poucos, e de repente forma um bloco

e cai um pedaço inteiro. É mais ou menos a mesma coisa. A diferença é que aquilo que Lacan conseguia descrever com essas metáforas da nuvem, do ravinamento, hoje temos aparato formal para trabalhar.

Nós, psicanalistas, somos muito acostumados a ficar nos nossos mundinhos e conversar só entre nós, sobre Freud, Lacan etc., meio sem olhar o que está acontecendo à nossa volta. E aí, quando a gente apanha – “Ah, está perdendo espaço na universidade, na saúde pública, não sei onde” –, a gente acha ruim. Às vezes, a gente merece mesmo, viu? Às vezes há um fechamento nosso aí que precisa ser interrogado. Eu tenho alergia quando começam a falar da especificidade da psicanálise, como se só a psicanálise fosse a única coisa no mundo que descobriu algo sobre como as pessoas agem, pensam, desejam, se frustram, se ferram. Não é assim. Senão, vira uma *Weltanschauung*. Não é à toa que Freud escreveu esse texto. Por quê? Porque é uma tendência espontânea. É espontâneo: a gente passa o dia inteiro nisso – não tem ninguém aqui que trabalhe menos de oito horas, não é? Já são 21 horas! Trabalha pra caramba com isso, se entusiasma, se apaixonou, vira a noite fazendo índice e assim vai.

Só para completar uma coisa que a Marcela tinha falado e passar a escutar o que vocês têm a dizer sobre essas minhas hipóteses meio malucas. Eu deixo as maluquices para as palestras. Na tradução não tem: essa parte fica no posfácio, separada, assinada. Não misturo, em nota de rodapé, o que é minha opinião; deixo para esses lugares aqui.

Freud, no capítulo um, precisa desconstruir a tese do caráter preditivo do sonho, porque isso pressupõe que o futuro já está dado de alguma forma. Ao mesmo tempo, tem uma coisa muito interessante que o Sidarta Ribeiro – a gente escreveu um texto junto – diz sobre o sonho, que eu acho muito boa: ele fala que o sonho é uma espécie de oráculo probabilístico.



▲ Juliana Palhares. *chãodesonho*, 2026. Nanquim e lápis de cor sobre papel, 21 x 29,7 cm. Acervo da Artista.

Quer dizer, em uma cena segura, em que você está dormindo, não está exposto às onças, você pode simular: será que eu atravesso o rio para procurar a caça, ou será que é melhor não atravessar, porque pode ter uma onça lá? Aí eu sonho, conto esse sonho de manhã: “sonhei com uma onça, acho melhor não ir não, viu? Vamos pegar as frutas do lado de cá e deixar a caça do lado de lá”. O que ele propõe? Que o sonho faz uma série de cálculos probabilísticos de futuros possíveis, em uma cena em que a onça não vai me morder de verdade. É outra onça, né? A onça morde, né? O “pai, não vês que estou queimando”... mas você não vai lá pôr o corpo. Então, o sonho tem algo de preditivo na forma como processa memórias, restos diurnos etc., mas dentro de comunidades...

Marcela Antelo: Possível?

Gilson Iannini: É isso.

Marcela Antelo: Ou incluindo o impossível?

Gilson Iannini: Aí eu não sei. Eu acho que o ponto é justamente esse, porque na nossa lógica restrita da consciência você não projeta uma série de cenas que são muito improváveis, sem sentido. E o sonho não tem essas restrições. Então, ele consegue fazer cálculos probabilísticos com muito mais eixos, com muito mais cenas, que seriam impensáveis no bom senso, na lógica etc. Mas, isso vale especialmente se você participa de algum tipo de comunidade em que o compartilhamento de sonhos faz parte do processo decisório. Então, povos ameríndios, sei lá, em várias outras estruturas...

Marcela Antelo: Ou na sessão.

Gilson Iannini: Ou em uma sessão analítica. Porque, não é que a onça vai te pegar. Claro, evolutivamente o sonho tem um papel im-

portantíssimo. Só a gente conta o sonho, mas todos os mamíferos sonham. A gente compartilha sonhos. Agora, a onça não vai me pegar, mas posso, se eu escutar bem justamente esse aspecto sem sentido que não tinha sido acessível quando eu estou pensando com algum grau de lógica, de bom senso, falar: “Opa, tem alguma coisa do sem sentido que apareceu aqui”. Aí o analista te mostra, ou às vezes emerge na sessão como uma coisa sem sentido. Aí você fala: “Opa, acho que eu não vou fazer tal coisa” ou “acho que eu vou fazer tal coisa”.

Marcela Antelo: Que chama égua da noite, o pesadelo. *Nightmare*, a tradução de pesadelo em inglês. É égua da noite. É, uma égua. A égua da noite carregando o impossível, talvez.

Luiz Mena: Gente, eu vou abrir então para algumas observações, perguntas, comentários. Você falou três, quatro páginas, eu queria ouvir as vinte. Se você puder mandar depois pra gente. Vou passar então para Jordan, depois Paulo.

Jordan Gurgel: Eu também gostaria muito de ter acesso às vinte páginas. Obrigadíssimo, Gilson, pela sua participação até agora. Quando vi o título dessa intervenção, fiquei pensando em que contraponto nós podíamos fazer com a atualidade hoje, pensando na era digital, que é a era da transparência. E quando você começou a sua fala trazendo Agamben e dizendo que a questão não é a transparência em relação à contemporaneidade, e sim o obscuro, eu fiquei pensando que uma forma de pensarmos essa relação do sonho com a era digital é justamente a partir dessa intuição que você traz de Freud, que já pensava em rede. Então, o sonho resiste à transparência da era digital. O sonho mantém o enigma do desejo e da subjetividade, digamos assim. E resiste porque se trata mais da escuridão do que da transparência. E se nós pensamos em rede, como você está tra-

zendo a ideia de Freud, não há possibilidade de ter algoritmos suficientes para dar conta dessa rede que você colocou trezentas possibilidades aí, mas que estão infinitas. Então, há uma impossibilidade algorítmica de dar conta da transparência no sonho.

Paulo Gabrielli: Bom, Gilson, muito obrigado também. Fiquei aqui atentíssimo ao que você falava e me perguntando uma coisa que me chamou muito a atenção na sua fala, de que a interpretação dos sonhos foi um parâmetro clínico utilizado pelos analistas para fazerem o seu trabalho de análise. E eu fico pensando como é que se entendia a interpretação dos sonhos até 1950, antes de se ler o *Entwurf, O projeto*. Porque, no texto de *A interpretação dos sonhos*, tem muita coisa de 1895, de *O projeto*, e essa ideia de rede que está presente. Ou seja, eu fico pensando como é que os analistas conseguiam analisar antes de 1950. Supostamente, na década de 50, é quando aparece publicado *O projeto*. Mas, essa ideia de rede de Freud é uma ideia anterior a isso.

Freud, já na Carta 52, quando fala de... se tem uma descoberta nova, que ele está fazendo em relação à memória, é exatamente o fato de que a memória não se dá de uma única vez; se dá em rede, se dá de forma estratificada, e ele vai construindo, a partir da ideia de memória, a memória inconsciente. Ou seja, por isso eu acho que tem uma história desde a volta de Freud ao estudo da hipnose, em Nancy – ele fica com Charcot e, três anos depois, viaja para Nancy pra fazer um trabalho. Lá ele está muito preocupado com a questão da memória, com aquela experiência famosa de que o hipnotizador dizia ao hipnotizado: “Olha, vou te dar uma ordem hipnótica, você vai acordar da ordem hipnótica, vai fazer o que eu mandei, vamos dizer, você vai aqui nessa sala, sair e abrir um guarda-chuva e eu vou te perguntar porque você abriu o guarda-chuva e você não vai lembrar de que eu dei essa ordem hip-

nótica. Está fora da memória”. E fazia isso, a pessoa saía, abria o guarda-chuva e perguntava-se à pessoa: “Por quê que você abriu o guarda-chuva?” “Ah, porque está chovendo lá fora.” – Não estava chovendo. “Não, é porque tem um sol muito intenso.” – Não tinha sol. Colocam-se coisas nessa lacuna de memória que existia nesse momento.

Então, no que Freud insiste, e fica muito impressionado com Bernheim e Liébeault e muito preocupado com isso, e diz: “Mas, como isso é possível, ele não lembrar?”. Aí, não me lembro qual dos dois, se foi Liébeault ou Bernheim, diz a ele: “Mas se você insistir, ele lembra. Ele lembra que teve uma pessoa que deu a ordem”. Essa é a insistência que, eu acho, Freud leva para a clínica analítica: de insistir, de fazer com que o sujeito fale, porque ele tinha a convicção de que ali podia vir algo mais. Essa é uma questão que eu queria colocar para você, uma observação.

A outra coisa é que Freud era muito acusado, na *Interpretação dos sonhos*, pelos céticos, pelos médicos, de que aquilo era arbitrário; ou seja, a pessoa dizer o que quer é uma arbitrariedade. Então, todos os caminhos levariam a Roma. E essa noção de rede, que você trouxe, muito interessante de trezentas dimensões é passível de entendimento, mas também há uma limitação pelo conceito mesmo que Freud traz da sobredeterminação; quer dizer, a sobredeterminação limita os caminhos e nem todos os caminhos vão a Roma. Se você faz essa rede de “casa”, “apartamento” etc. – você esqueceu de colocar “casa de casamento” –, tem todas as coisas, mas é impossível, na minha concepção – eu dou sempre esse exemplo – que um aborígine americano, um aborígine australiano ou brasileiro, que nunca saiu da selva, que nunca teve contato com a civilização, sonhe com uma garrafa de Coca-Cola. Ou seja, completamente impossível. Então, são essas colocações que eu gostaria de ver algum comentário seu a respeito disso.

Pablo Sauce: Eu agradeço ao Gilson, à Marcela também, os comentários. Há duas coisas que me chamaram a atenção, que é a questão da rede, como você falou, a dimensão da rede e da emergência. A partir desses dois pontos que me ocorreram, quando Freud traz a regra fundamental da psicanálise, a livre associação só pode ser sustentada nisso: na rede e na emergência. Mas, o que queria te perguntar, a partir desta dimensão da rede e do que emerge – você falou no início do lado da interpretação do sonho, mas que Freud aqui passa para o sujeito. O que poderia dizer, a partir desta emergência na rede, do que é o sujeito lacaniano?

Marcela Antelo: Rede tem umbigo, porque, se seguimos Guimarães Rosa, dá para pensar tanto na intervenção destas três. Se rede é um conjunto de buracos amarrados por barbantes – essa é a definição de Guimarães Rosa –, então, umbigo, umbigo, barbante, umbigo, barbante, umbigo.

Gilson Iannini: Exato. É por conta disso que eu terminei com o umbigo. Porque, se você pegar a rede de um pescador, ela começa, vocês veem aí, com alguns poucos fios e de repente aquele negócio vira aquele emaranhado de tal tamanho, uma corda.

Vou ver se respondo mais ou menos em ordem as questões. Muito obrigado.

Jordan, eu não sei se fui muito claro no início, porque essa é justamente a questão. O que eu acho interessante, no texto do Giorgio Agamben sobre o contemporâneo, é que ele não está falando nem da escuridão nem da clareza. Está falando justamente da penumbra, digamos assim – daquilo que está entre uma coisa e outra. O presente não é transparente. Se a gente perguntar: “O que está acontecendo hoje no mundo?”, ninguém sabe. E, se alguém disser “É isso”, ou é mentira, ou é burrice. No mínimo, má-fé. O que está acon-

tecendo agora não é transparente a nós mesmos. Algumas pessoas veem alguma coisinha a mais – ou a menos, porque não precisa ser a mais; às vezes é a menos, às vezes é uma subtração. É a possibilidade de sair um pouco do que todo mundo está dizendo, comentando e pensando igual, e, de repente, lançar alguma luz, um horizonte, um norte.

Sim, a era da transparência é, ela própria, a ilusão de que o digital é transparente – e não é. Porque os algoritmos que organizam isso não são claros. E, lamento informar, se vocês já não sabem disto: hoje, mesmo os programadores e os criadores de sistemas como Chat-GPT, Gemini ou Claude não têm uma compreensão completa dos processos internos que esses sistemas passam a produzir. Ou seja, os modelos aprendem, se ajustam e passam a gerar padrões que não são diretamente interpretáveis. Quando a gente pergunta: “Será que dá para controlar?”, em grande medida, esse controle já é limitado. Se era para interromper esse processo, teria sido antes. Hoje, a gente já não sabe explicar completamente como esses sistemas chegam a certos resultados. Isso é muito doido, porque eles aprendem com os próprios dados e passam a gerar novas combinações sem que a gente acompanhe tudo. Claro que há formas de controle – até porque é justamente aí que está o problema, você pode usar para os fins que quiser –, mas a transparência é uma ilusão, porque esses sistemas não são plenamente transparentes.

Eu gosto de dizer assim, pegando a outra parte do que você disse: Jacques Lacan, quando faz o que a gente chama de retorno a Freud – mito estrutural, antropologia etc., com aqueles interlocutores em volta –, ele encontra o Lacan, não encontra Freud. Ele encontra Freud no final, no Seminário 19, 20, nos últimos textos, “Lituraterra” e outros, que é justamente quando aparece – e aí tem a ver com a questão que você trouxe – não exatamente o

simplesmente pulava: “isso aqui não precisa”. E é justamente a parte mais doida, Freud discutindo os períodos, a teoria do Fliess, o nariz etc. Está aí. Quer ler a carta do Freud? Leia inteira – inclusive aquilo que é incômodo, esquisito. Colocamos a carta aí porque ela faz parte do processo de escrita desse livro. Concordo com você inteiramente. É exatamente aí que aparece a ideia de uma memória estratificada.

Essa ética de Freud, de ir até o impossível, é exatamente essa insistência. O paciente chega, conta o sonho e já traz a interpretação: “Isso, isso e aquilo quer dizer isso, isso e aquilo”. E aí você diz: “Acho que você pode ir um pouquinho mais”. E essa parte que ficou? Essa parte que é o enigma? Acho que dá para ir um pouco mais. Insistir com o paciente – às vezes na forma de um corte, às vezes na forma de uma insistência mesmo. É um pouco isso.

É claro que um aborígene não sonha com Coca-Cola. Ou seja, o sonho pressupõe um léxico compartilhado, um conjunto de imagens compartilhadas – que depois é recortado de maneira singular. Talvez o conceito-chave aqui seja o de saliência: por que você grifa uma palavra quando está lendo? Por que, quando eu estou falando, de repente enfatizo um termo? As palavras têm peso. Elas não espelham simplesmente o mundo. A palavra fere, a palavra dói, a palavra morde igual a onça, ou faz gozar, ou faz enrubescer. Como é que isso acontece? Há aí toda uma correlação com o corpo – por isso, é muito mais o *falasser* do que o sujeito. Porque, quando falamos em sujeito, ativamos toda uma tralha metafísica moderna: sujeito-objeto, saber e verdade, necessário e contingente, universal e particular... tudo isso entra em jogo. Como é que se fura isso? Como é que se desativa isso? Precisava saber grego, como a gente estava dizendo.

Eu gosto de pensar que Lacan, nos últimos dez anos, era grego. Ele não era mais europeu. Olha o tamanho do gesto: alguém que passou

cinquenta anos lendo Hegel e Descartes – e o léxico dos anos sessenta está todo ali, sujeito, objeto, saber, verdade, tudo organizado nessa matriz –, de repente vai ao Parmênides. O que tem a ver? Por que esse retorno pré-moderno? O último Lacan é, de certo modo, pré-moderno. Não porque abandone o percurso anterior, mas porque introduz um furo nele. Em plena década de 1970, no auge da desconstrução, ele volta a ler Platão, Parmênides, o Um. Coisa mais fora de moda impossível. E, no entanto, é um gesto enorme: discutir o Um, o unário, o múltiplo, depois de Hegel, Kant, Nietzsche... É um salto. Mas um salto interno, êxtimo a essa tradição. Não sei se respondi.

Luiz Mena: Posso encerrar? Porque eu estou preocupado com o nosso tempo. Gostaria de te agradecer muito, porque eu fiquei muito tocado com as coisas que você falou. Eu imaginava uma coisa e você fez uma coisa completamente diferente. A impressão que eu tenho é que você nos provocou em uma série de momentos. E eu acho que foram muito legais essas provocações todas, porque isso é um pontapé de um programa de trabalho que a gente vai levar para o ano todo. Então, as coisas que você abriu e não fechou, nos empurrando para estudar... ‘Vão atrás! Compre o livro, principalmente.’ Eu queria te agradecer muito, agradecer à Marcela e agradecer a todos vocês pela presença. Obrigado, gente.. ❖



A interpretação do sonho

Selo: Autêntica

Coleção: Obras incompletas de Sigmund Freud

Edição: 1 | **Páginas:** 712 | **Capa Dura**